

## Meditação sobre a Residência Romana

Luís Afonso

Arquitecto, Professor Auxiliar da F.A.U.T.L.  
lafonso@fa.utl.pt

### Introdução

A tradição relativa à Arquitectura da Residência, que constitui o componente dominante do edificado corrente no meio urbano define-se, na Europa, a partir de duas contribuições originais a que correspondem duas tradições operativas específicas:

A Matriz Mediterrânica que decorre da Casa-Pátio urbana da Cidade Grega do período clássico e da colonização urbana da Ásia Menor, e que seria posteriormente transportada para o universo da Civilização Romana onde se institui o Padrão Tipológico da *Domus*, que corresponde a uma Residência de um ou dois pisos e desenvolvimento planimétrico relativamente extenso, edificada em Lote Largo sobre o plano marginal que define a frente de rua;

E a Matriz Bizantina associável a uma Residência Corrente edificada em profundidade sobre um Lote Estreito, que no início não será verdadeiramente urbana mas passará a sê-lo, mais tarde, quando sustentar a expansão – em sistemas acentuadamente lineares implantados ao longo dos percursos da periferia pré-urbana – de numerosas cidades romanas para além do núcleo inicial da sua fundação, em que a Casa-Pátio tradicional tem estatuto dominante.

O Padrão Tipológico da *Domus* sustenta a produção da Residência Urbana corrente na Cidade Romana, conforme pode constatar-se pela observação dos documentos da época de entre os quais se destaca, pela clareza e rigor, a 'Forma Urbis Marmorea', e corresponde, objectivamente, a uma solução espacial adequada à morada de uma comunidade doméstica tradicionalmente alargada, e com uma estrutura social diferenciada, nas condições climáticas associáveis à bacia do Mediterrâneo.



Esta circunstância explica, provavelmente, a presença sistemática da *Domus* tradicional no núcleo de fundação das Colónias Urbanas Romanas, cujo dispositivo morfológico reproduz invariavelmente o padrão de uma cidade esquartelada com uma geometria rigorosamente ortogonal que tudo condiciona, desde o limite do recinto urbano ao traçado e ao parcelamento do solo ocupável pelo edificado elementar;

Mas permite também compreender a emergência das soluções alternativas que se manifestam fora do quadro conceptualmente muito estável deste núcleo de fundação inicial e que estão fora do âmbito da presente reflexão.

No que refere à Distribuição, é oportuno recordar que o pátio interior da *Domus*, designado por *Atrium* e respondendo a necessidades práticas muito diversas mas tradicionais na área do Mediterrâneo – como a iluminação natural dos compartimentos de uma Residência introvertida e virtualmente sem janelas para o exterior, a ventilação e o controle da temperatura interior com recurso à presença da água e de uma pequena estrutura verde e ainda a recolha da água da chuva através do *Impluvium*, por exemplo – correspondia, também, ao componente dominante do sistema distributivo da Residência, como aliás é característico do padrão espacial da Casa-Pátio;

Podendo também, nas *Domus* de maior dimensão e mais profundas, articular-se com um outro espaço de natureza semelhante, designado por *Peristilum*, que igualmente assegurava a distribuição na área da residência mais afastada da frente da rua.

O entendimento que toma forma a partir destas considerações prévias permite encarar a *Domus* Romana como Padrão Tipológico com uma dinâmica evolutiva própria que contraria a ideia de um Tipo Edificatório rígido;

O que justifica uma reflexão sobre a sua estrutura interna quando a Tipologia aplicável à Residência Corrente em meio urbano começa a dar sinais de esgotamento.

## 1.

A residência tradicional romana – cuja ideia pode construir-se a partir de fontes várias como a descrição que dela faz Vitruvius nos seus 'Dez Livros da Architectura', como a carta que Plínio envia ao seu amigo Gallo ou ainda os vestígios arqueológicos sucessivamente revelados – não pode entender-se fora do enquadramento que decorre do conceito da **Casa-Pátio Mediterrânica**.

O entendimento corrente da génese evolutiva do Tipo da Casa-Pátio, considerado na sua maior amplitude, corresponde a encarar este padrão de residência como o resultado de um processo aditivo de agrupamento de espaços edificados em torno do pátio, ou eira, da habitação rural tradicional.

Neste contexto, o ponto de partida do processo de caracterização tipológica da residência tradicional romana corresponderia à habitação rural corrente na Área do Mediterrâneo desde o aparecimento das comunidades de agricultores que, segundo o consenso comum, introduzem na região uma economia agrícola essencialmente excedentária no período Neolítico.

Esta habitação rural teria posteriormente percorrido um longo processo de evolução tipológica própria, – baseado na adição progressiva de espaços complementares da Residência e directamente ligados ao uso da terra no plano produtivo – que

teria conduzido ao uso recorrente e sistemático de um edificado intrínsecamente complexo agrupando em torno de um pátio descoberto um conjunto variavelmente numeroso de componentes edificados tendencialmente elementares associados a finalidades ou usos específicos, como sucede ainda na actualidade.

E, num segundo momento, a transferência do Tipo Edificatório correspondente a esta residência rural para um enquadramento urbano teria, por sua vez, conduzido a uma intensa concentração dos referidos componentes elementares em torno do pátio que teria sistematicamente eliminado todos os espaços sobranceiros entre eles, ao mesmo tempo que a área de implantação seria progressivamente reduzida.

Se no caso da residência rural se podem tomar como factores primários do processo de caracterização tipológica o clima corrente na região, considerações ligadas à segurança dos moradores, factores de ordem místico-religiosa relativos à caracterização do universo do microcosmos familiar e ainda a natureza necessariamente mais privada de uma residência espacialmente introvertida enquanto suporte para as actividades domésticas quotidianas, para o caso da residência urbana deverá considerar-se um enquadramento particular.

De facto, se estes factores conservam no meio urbano a sua validade essencial e a vêem inclusivamente potenciada – com a possível excepção da defesa cuja garantia se transfere para o nível mais complexo e alargado do recinto da cidade – o factor primário da evolução e caracterização tipológica remete, agora, para a matriz da economia urbana;

Que naturalmente favorece a redução da área de implantação do edificado elementar enquanto componente primário do tecido edificado uma vez que o solo disponível no interior do recinto urbano é um bem crescentemente escasso.

E a consequência imediata desta progressiva diminuição das dimensões da parcela elementar corrente terá sido o igualmente progressivo aumento da densidade do tecido construído e, por extensão, do próprio Corpo Civil da Cidade a que curiosamente – se atendermos à sua origem não urbana – a Tipologia da Casa-Pátio se adaptou com exemplar felicidade.

Na realidade, a característica intrínsecamente introvertida da Casa-Pátio, tendencialmente organizada a partir do seu espaço descoberto central, conduziu à configuração final de um edifício em que as aberturas para o exterior praticadas nas paredes da sua envolvente construída são destituídas de qualquer necessidade, ou mesmo de sentido;

Com a compreensível excepção da porta de entrada, verdadeiro dispositivo de transição entre o espaço privado da Residência e o espaço exterior em que se insere, seja ele urbano ou não.

E assim, quando a inserção no meio urbano veio a exigir a edificação em situação de contiguidade absoluta ao longo da frente de rua – que praticamente sempre se verifica independentemente dos dispositivos morfológicos mais ou menos particulares

a considerar consoante a circunstância – tal exigência não terá conduzido a nenhuma reelaboração tipológica de fundo porque a Tipologia tradicional já disponível era estruturalmente compatível com o dispositivo da agregação em contiguidade e ainda com a maior densidade a ele directamente associada.

## 2.

A compatibilidade intrínseca entre a Tipologia da Casa-Pátio e o dispositivo de agregação em contiguidade que o meio urbano pressupõe conduziu, na Grécia anterior ao período clássico, a um processo distinto, não já de evolução tipológica mas antes de substituição.

Assim, a residência tradicional dos períodos iniciais da civilização grega correntemente designada por *Megaron* – a que se atribui uma origem Indo-Europeia e que corresponde na sua definição elementar a um espaço unitário rectangular coberto por um sistema de duas águas que se prolonga sobre um pórtico no seu lado mais estreito que corresponde à situação da entrada – rapidamente revelou uma incapacidade estrutural para a agregação em contiguidade que a sua crescente edificação em meio urbano não deixaria de arrastar.

De facto, tanto no caso das primeiras Cidades-Estado como no das numerosas colónias que posteriormente seriam construídas, a disponibilidade do solo urbano edificável foi sempre diminuta, e a Tipologia da Casa-Pátio viria a ser rapidamente adoptada como referência incontornável para a configuração sistemática da Residência Urbana Corrente, pelas mesmas razões que justificaram o seu uso em outras áreas geográficas associadas a matrizes culturais muito distintas.

E a Tipologia específica do *Megaron* seria então transferida do domínio da prática social sobre o espaço edificado da Residência corrente para o plano do Arquétipo Primordial aplicável à configuração do Templo Grego primitivo, entendido enquanto espaço da residência divina.

Sendo esta operação acompanhada por uma transferência semelhante no que refere aos núcleos fortificados primitivos, posteriormente abandonados em consequência da expansão urbana, que então passam a constituir a Acrópole da Cidade Grega, entendida enquanto recinto sagrado no corpo da Cidade em que se concentra a dimensão divina do ritual da sua fundação.

A invasão da Ásia menor por Alexandre Magno e a difusão do Helenismo em todo o Próximo Oriente nos séculos posteriores contribuíram para instituir de modo duradouro uma cultura intrinsecamente cidadina que concretizou em numerosas colónias urbanas uma ideia de Cidade que, entre outros componentes essenciais, articulava na sua matriz a noção de um Traçado Secundário corrente geométricamente regular e ortogonal, e este facto não deixaria de exercer uma acentuada influência no plano específico do Tipo Edificatório aplicável à configuração da Residência Corrente em meio urbano.

De facto, é neste período que se estabiliza o Tipo da Residência Urbana corrente no Helenismo enquanto sistema edificado introvertido organizado em torno de dois pátios interiores – a que correspondem dois níveis distintos, e sucessivos, de privacidade a partir da rua que constituem a contrapartida imediata dos padrões aplicáveis à vida quotidiana do núcleo familiar – que os romanos conhecerão em consequência do processo de expansão territorial do Império na área do Mediterrâneo Oriental e que virão a integrar na sua matriz cultural abrangente em momentos históricos posteriores.

O sistema espacial desta Residência define-se, pois, em consequência de um processo de agregação aditiva de compartimentos a que correspondem diferentes finalidades e estatutos no interior do recinto doméstico.

O suporte desta agregação remete, por um lado, para o sistema dos dois pátios axialmente articulados em posição central na parcela de terreno em torno dos quais se organizam as áreas públicas e privadas da Residência;  
E remete também, num segundo plano, para o limite do recinto doméstico que se materializa no muro que assinala o perímetro geomêtricamente regular de uma parcela rigorosamente rectangular.

Embora seja naturalmente mais complexa, e certamente mais extensa do que a Residência Urbana do período clássico – sem prejuízo de em ambas se registar a influência estruturante da Tipologia da Casa-Pátio Mediterrânica – é esta Residência mais tardia que Vitruvius inclui nos 'Dez Livros da Arquitectura' com o estatuto de Tipo de referência aplicável à configuração de Casa Urbana corrente na Cidade grega;

E que, para além do valor intrínseco da sua caracterização enquanto Tipo Edifcatório, suporta igualmente a definição das diferenças estruturais relativamente à Residência corrente na Cidade romana, que Vitruvius caracteriza de igual modo e com um estatuto a todos os níveis semelhante.

### 3.

A Residência romana que Vitruvius descreve e caracteriza no plano tipológico remete igualmente para o contexto abrangente da Casa-Pátio Mediterrânica, distinguindo-se primariamente da Residência grega atrás referida por retomar o dispositivo mais corrente de um só pátio.

Trata-se de uma Residência marcadamente urbana que retoma igualmente, à semelhança do exemplo grego, a organização de todo o sistema espacial edificado no interior de um perímetro rectangular geomêtricamente regular em que apenas são de registar as aberturas que garantem o acesso a partir da rua;  
Aliás normalmente apenas uma, na situação de acesso principal, ou *vestibulum*, uma vez que a característica acentuadamente orgânica do crescimento e da estrutura morfológica associadas à Cidade romana corrente pressupõem a contiguidade com outras parcelas ao longo do limite posterior comum.

O que não significa, todavia, que na situação mais tardia de inserção na Cidade de Fundação a que correspondem as colónias urbanas romanas não possa registar-se a existência de um *posticum*, ou entrada secundária, justamente sobre o limite posterior da parcela elementar, como sucede frequentemente em Pompeia, por exemplo.

A Residência que Vitruvius caracteriza nos 'Dez Livros da Architectura' organiza-se, pois, em torno de um pátio central directamente acessível a partir da rua e através do *vestibulum* já referido.

A este pátio, descoberto e dotado de uma cobertura apenas periférica apoiada sobre uma colunata envolvente do seu espaço central, Vitruvius atribui a designação de *cavaedium*;

Entendendo-o enquanto vazio central que assegura a distribuição indispensável relativamente a um conjunto de compartimentos em posição envolvente imediata e de uso mais corrente.

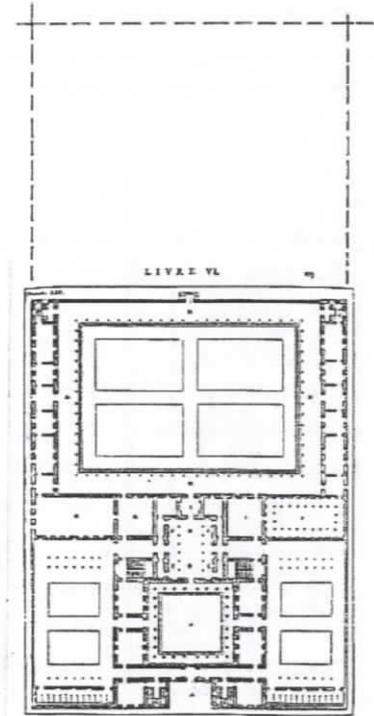
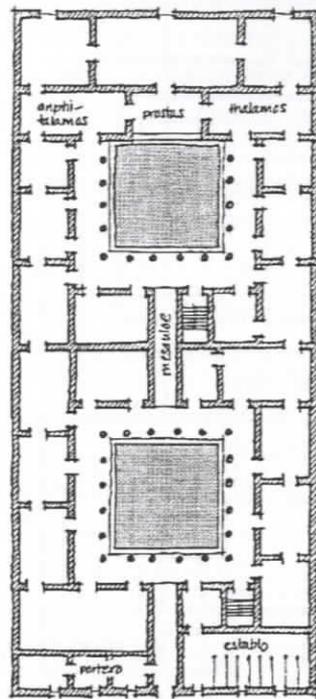
Um destes compartimentos – justamente o que se situa na continuidade do eixo principal da Residência definido a partir da sua entrada sobre a frente de rua – é caracterizado como o *atrium*, espaço essencial da Casa Romana que tem funções de distribuição relativamente aos compartimentos, com estatuto mais representativo no sistema da Residência, que se articulam à sua volta e que se distingue por uma cobertura de quatro águas convergentes no seu centro, onde existe o *compluvium*, um vazio que permite a entrada do sol e ainda da chuva, que é usualmente recolhida num pequeno lago interior na prumada correspondente ao nível do pavimento, o *impluvium*.

A progressão ao longo do eixo principal da Residência conduz ainda ao *peristilum*, um espaço de algum modo semelhante ao *cavaedium* com a diferença essencial de uma maior escala geral que privilegia o espaço central descoberto onde se organiza normalmente um jardim enclausurado do tipo usualmente designado por *hortus conclusus*;

E o entendimento corrente deste espaço da Residência Romana associa-o a um Claustro de que apenas um dos lados da colunata periférica seria rigidamente pavimentado, justamente aquele que tem acesso directo a partir do *atrium* e que é normalmente designado por *xystus*, em oposição ao qual se situa um *posticum* quando exista.

#### 4.

Uma leitura comparativa imediata entre as planimetrias correspondentes à Residência Grega anteriormente referida e à Residência Romana assim caracterizada, ambas descritas por Vitruvius, permitiria deduzir que, em igualdade de extensão edificada sobre o plano marginal, a primeira seria consideravelmente mais profunda do que a segunda, numa relação próxima do dobro.

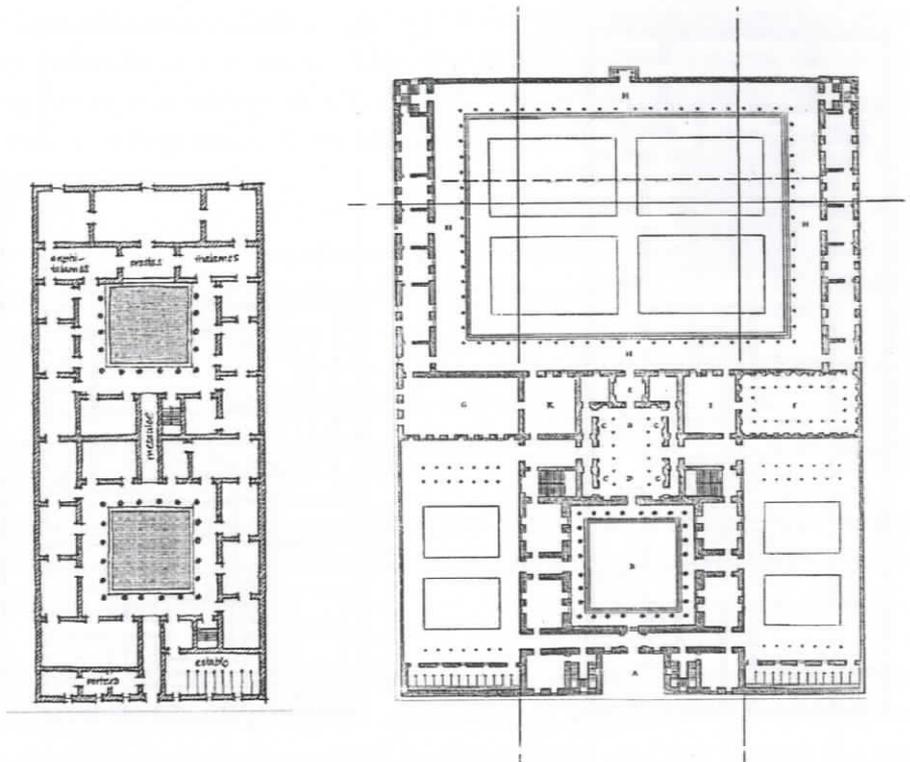


Todavia, uma leitura mais cuidada da gravura relativa à Residência Romana revelará que a extensão total edificada sobre o plano marginal decorre da existência, a um e outro lado do corpo central, de dois pátios de serviço a que se associam as cocheiras, numa posição que não se verifica de modo sistemático em outras fontes relativas a esta matéria.

E não será então menos correcto considerar que – numa nova leitura comparativa que tenha como ponto de partida a igualdade da extensão edificada sobre o plano marginal do corpo central da Residência – a profundidade total a considerar em ambos os casos será muito mais aproximada, uma vez que a redução da largura do *peristylum* conduzirá com carácter necessário, e por força da relação proporcional aplicável à sua geometria específica, a um valor correspondentemente menor da sua outra dimensão.

Sem esquecer que, por outro lado, a menor largura útil da parcela correspondente necessitaria certamente de uma diferente articulação dos espaços de grande dimensão contíguos a um e outro lado do corpo central, o que não deixaria de encontrar reflexo na profundidade total do conjunto edificado da Residência.

Em quaisquer circunstâncias, a solução caracterizada por Vitróvio e restituída gráficamente por Perrault mantém a sua validade essencial no duplo plano de uma caracterização genérica da Residência Urbana corrente no tempo de Augusto e da diferenciação que a partir dela pode instituir-se relativamente à Residência de Campo e à Residência Rural, que Vitróvio igualmente aborda no Tratado.



Quanto à Residência de Campo, Vitrúvio refere expressamente que as considerações expressas a propósito da Residência Urbana se lhe aplicam igualmente, uma vez que a única diferença está em que, neste caso, "...a parte destinada aos aposentos do senhor da casa é antecedida por peristilos e seguida de vestíbulos rodeados por pórticos pavimentados com vista sobre as palestras e os jardins..." .

Quanto à Residência rural, por sua vez, Vitrúvio apenas se lhe refere implicitamente no discurso sobre a Residência de Campo, quando afirma que as considerações feitas a propósito da Residência Urbana se lhe aplicam igualmente à excepção das que "...são simples Casas de Caseiro..." , o que implicitamente a remete para o plano de um edifício estritamente utilitário de que não introduz menção adicional; E de que será lícito pensar que possa estar na base da evolução tipológica específica da Residência Rural tradicional ainda hoje no Norte e no Centro de Itália.

## 5.

A descrição da Residência Urbana Corrente contida no Tratado de Vitruvius, por um lado, e a que refere à Residência de Campo que pode ser extraída da carta de Plínio a Gallo constituíam, assim, um sistema complementar de referências a partir das quais seria possível um entendimento claro das características próprias de cada um dos Tipos Edificatórios, o que infelizmente não sucede.

De facto, tal como é referido por Perrault na edição crítica dos 'Dez Livros da Arquitectura' existiria uma aparente ambiguidade no entendimento que Vitruvius tem da noção de *cavaedium*, de que são conhecidas duas grafias distintas.

*Cavaedium* é a grafia utilizada por Plínio na sua carta a Gallo, correspondendo a um espaço que os gramáticos definem quase da mesma maneira que um *atrium*, tomando-os conjuntamente como espaços que se situavam junto da entrada das Residências e dos quais se passava para os aposentos.

Segundo Perrault, tanto Barbaro como Palladio pensavam que *cavaedium* e *atrium* constituíam duas espécies de vestibulo – sendo o primeiro umas vezes coberto e outras descoberto e sendo o segundo necessariamente coberto – interpretação esta que pessoalmente não subscreve.

*Cava aedium*, por seu lado, é a grafia utilizada por Vitruvius e que Perrault considera a mais correcta, porque exprimiria na própria origem da grafia anterior a natureza de um espaço não edificado entre os vários corpos construídos que compõem uma Residência uma vez que "...é verdadeiro dizer que o meio que está encerrado entre estes corpos construídos que todos juntos compõem a casa, é o oco, a cavidade ou o vazio da casa; O que uma sala ou um vestibulo cobertos, como são os que Barbaro e Palladio tomam pelo *cavaedium*, não poderia constituir: Porque a cavidade dessa sala ou vestibulo não é a cavidade da casa...: Mas o pátio que está envolvido por todos os corpos construídos, e que é descoberto, é uma cavidade em relação aos corpos construídos que se elevam à sua volta...".

Sendo ainda de considerar a interpretação do padre jesuíta Pietro Marquez, segundo a qual apenas uma evolução no tempo do significado das palavras *atrium* e *cavaedium* poderia explicar a distinção de Vitruvius.

De facto, no seu comentário de 1795 ao Livro Sexto de Vitruvius, Marquez considera que, numa primeira definição contemporânea de Flaccus ou de Varro, "...*atrium* era a mesma coisa que *cavaedium* porque, como o relata Varro, os Etruscos chamavam *atrium* ao *cavaedium* toscano...".

Marquez supõe que entre o *cavaedium*, ou peristilo, e a porta os Romanos teriam introduzido, num momento posterior, um compartimento suplementar que teria tomado o nome de *atrium*, ou de *cavaedium* toscano;

E que, num ainda terceiro momento, este *atrium* teria sido substituído por um vestibulo mas que, por hábito ou tradição, este vestibulo teria conservado a designação de *atrium*, e que deste modo a distinção de Vitruvius se explicaria por si própria.

Não sendo ainda de ignorar que entre os latinistas parece hoje existir um consenso segundo o qual um autor como Plínio, situado mais tarde no tempo, empregaria provavelmente o termo *cavaedium* para designar os peristilos.

A diversidade dos entendimentos e leituras assim explicitadas, bem como numerosas outras interpretações alternativas, concorrem pois para a insinuação de uma ambiguidade conceptual no que refere ao entendimento do estatuto e finalidade intrínsecas dos componentes espaciais elementares da Residência Romana;

Ambiguidade que desde sempre tem enquadrado as numerosas reconstituições avançadas a propósito da carta de Plínio sem que, até hoje, tenha sido encontrado um consenso relativamente à Residência que nela se descreve, mas que ainda assim se inscreve claramente no enquadramento da Tipologia conjuntamente aplicável à Casa-Pátio da região da bacia do Mediterrâneo.

### Glossário mínimo

ALA/ALAE: pequenos compartimentos destinados à conversação privada ou ao descanso recolhido individual, usualmente situados a um e outro lado do *atrium*, em posição simétrica relativamente ao eixo central da Residência.

APOTHECA: adega.

ATRIOLUM: átrio secundário mais pequeno que articula os compartimentos dos escravos e a cozinha e se situa normalmente a norte do átrio principal.

ATRIUM: espaço de recepção da casa com *impluvium* ao centro, pequeno lago ao nível do pavimento. A cobertura de quatro águas convergentes deste espaço tem uma abertura no seu centro, o *compluvium*, por razões de iluminação e ventilação.

CALDARIUM: espaço destinado aos banhos muito quentes ou de vapor.

CAVAEDIUM: corresponde ao pátio da casa, o espaço envolvido pelos diversos componentes edificados elementares da Residência, sendo em princípio envolvido por uma colunata periférica. Este pátio tem uma posição central no conjunto edificado e tem as características de um espaço de distribuição relativamente aos compartimentos que se organizam à sua volta.

CELLA OSTIARIA: compartimento do porteiro, ou guarda da entrada.

COLUNATA: corresponde à designação corrente de *peristilum*.

CRYPTOPORTICUS: fusão de duas palavras distintas, *crypta* significando gruta ou lugar coberto, e *porticus* significando pórtico, colunata ou galeria. Pode ser entendido como correspondendo ao dispositivo de uma galeria coberta, com janelas abertas a um e outro lado ao longo do seu desenvolvimento em extensão.

CUBICULUM: designação dos espaços de dormir.

DIAETA: pavilhão de jardim, com compartimentos de repouso.

ERGASTUAE: espaços destinados aos escravos.

EXEDRA: sala destinada à conversação, normalmente equipada com numerosos assentos. Perrault entende a *exedra* e o *oecos* como espaços de planta tendencialmente quadrada, possibilidade que Vitruvius não contraria.

FRIGIDARIUM: espaço destinado aos banhos frios.

HELIOCAMINUS: espaço de estufa.

HIPOCAUSTUM: compartimento destinado ao aquecimento da casa.

HORTULUS: pequeno jardim ou horto, situado normalmente para lá do *tablinum* em situação axial com o *atrium*.

FAUCES: espaço de transição entre a rua e o *atrium*, correspondendo a um simples vestíbulo de passagem de pequena escala.

GESTATIO: álea destinada ao exercício físico.

HORREUM: espaço destinado a celeiro ou armazém.

HOSPITIA: compartimentos destinados aos hóspedes.

LARARIUM: altar dos *lares*, os deuses domésticos.

OECOS: designação atribuída por Perrault ao espaço da sala de jantar, que Vitrúvio designa também por *triclinium* e entende como a sala onde se instalava uma mesa acompanhada por três leitos.

ORIENTAÇÃO: Vitrúvio refere as seguintes orientações essenciais: sala de jantar e banhos ao poente de inverno, quartos e bibliotecas ao nascente.

POSTICUM: entrada secundária, pelas traseiras da residência.

SPHAERISTERIUM: espaço destinado ao jogo da pela, que se joga com uma bola revestida de couro.

TABLINUM: originalmente o quarto principal, terá posteriormente evoluído para a principal área de recepção e estar, separando o espaço do *atrium* do *peristilum*. Perrault caracteriza a designação de *tablinum* como correspondente genérico de um gabinete ou escritório, situação em que se assemelharia a um *tabularium*, local de arquivo de textos e documentos legais, títulos de dívida e de propriedade ou outros, que se designavam correntemente por *tabulae*. Existe ainda uma outra interpretação que entende este espaço como um compartimento dotado de lambris de madeira sob a forma de painéis de marcenaria.

TABULARIUM: arquivo ou cartório, em sentido restrito.

TEPIDARIUM: espaço destinado aos banhos quentes.

XYSTUS: terraço pavimentado, normalmente o lado da entrada no *peristilum* que envolve o jardim a partir do *atrium*.